

## UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM-NARRADOR MEURSAULT EM O ESTRANGEIRO, DE ALBERT CAMUS, ATRAVÉS DO DISPOSITIVO PRONOMINAL DE ÉMILE BENVENISTE

SILVA, ANDRÉ RODRIGUES DA<sup>1</sup>; NEUMANN, DAIANE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – andresilva537@gmail.com<sup>1</sup>

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – daiane\_neumann@hotmail.com<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Buscando cada vez mais a ampliação dos estudos de interface entre língua e literatura, pretendo imergir no texto literário através dos estudos de linguagem, a fim de apontar como os princípios fundadores, da obra benvenistiana, me auxiliam para uma análise literária. A partir da noção de subjetividade, em especial no que tange ao dispositivo trinitário pronominal (*eu-tu/ele*), partirei das reflexões de Émile Benveniste para encaminhar este estudo que se propõe a analisar a obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus. Ademais, pretendo apoiar-me no filósofo Dany-Robert Dufour, com a intenção de mostrar como a transitividade que há, na reversibilidade pronominal *eu* e *tu* em oposição a *ele*, denota em uma alternância de lugar discursivo do personagem-narrador dentro da obra de Camus à instância de não-pessoa.

Émile Benveniste articula, mais especificamente no *Problemas de linguística Geral I*, que a linguagem constitui o homem, sendo esta mesma linguagem o meio pelo qual é possível *re-produzir* a realidade. Assim, a “experiência do acontecimento” (BENVENISTE, 2005, p. 26) se faz através do discurso, e este discurso se desenvolve a partir da atividade que é, ao mesmo tempo, intersubjetiva, política e se estabelece a partir do *eu* e *tu*. É na reversibilidade entre os pronomes *eu-tu* que o sujeito autentica o seu lugar, *re-criando* sempre, através da linguagem, uma nova realidade, diante desse processo intersubjetivo e de alteridade. Portanto, o *eu* e o *tu* são colocados em um espaço de preenchimento dos “signos vazios” (BENVENISTE, 2005, p. 280) e, de imediato, coloca o *eu* e o *tu* em um caminho de construção intersubjetiva. Segundo Benveniste, em *O aparelho formal da enunciação* (1970), o ato de colocar em funcionamento a língua e as situações em que ela se realiza é o que caracteriza a “enunciação” (2006, p. 82). É preciso pensar, no entanto, que será encaminhada, aqui, uma possibilidade de o sujeito criar novamente. A organização de mundo, através da reversibilidade diante do dispositivo pronominal, a partir da linguagem, é o que possibilita que possamos *re-criar* e *re-produzir* a realidade.

Dufour (2000) entende também que a diáde *eu-tu* só pode se valer na enunciação e, segundo Teixeira (2012), a partir de Dufour, “falar consiste em trocar a capacidade de utilizar *eu*; em preencher essas conchas vazias” (TEIXEIRA, 2012, p. 446). Ainda sobre o sistema pronominal, tem-se o papel do *e/ele* neste meio discursivo. O *e/ele*, ou a não-pessoa, é oposição à organização pronominal *eu-tu*, na medida em que o pronome *e/ele* se encontra fora da correlação de pessoa. A reversibilidade entre os falantes propicia as condições para a intersubjetividade, ao passo que o *ele* se configura como a não-pessoa: a sua ausência nesse discurso é a colocação do outro nessa instância da linguagem. Por mais que o pronome *e/ele* se apresente como oposição à diáde *eu-tu*, a sua ausência se torna presença, pois, segundo Dufour, “é necessário um terceiro, externo, para que dois, copresentes sejam” (DUFOUR, 2000, p. 106).



Na obra literária, busco considerar a reflexão proposta acerca da tríade pronominal apresentada por Benveniste e ampliada por Dufour, a ponto de tratar do pronome ele como este ser ausente, mas presente no processo discursivo, o que permite discussões outras, que extrapolam aquelas relacionadas pelo par eu-tu. Em *O Estrangeiro*, procurarei mostrar como Meursault, através de atos consecutivos em meio ao social, é colocado em uma posição em que sua voz é silenciada, assim como ele opta pela exclusão no espaço de enunciação. Em alguns momentos na obra, outro personagem utiliza “eu” em seu lugar e chega a falar mesmo por ele. Com isso, penso que o resgate na base teórica servirá para discutir, com mais ênfase, sobre as produções de sentidos que são originadas a partir da organização pronominal elencada por Émile Benveniste e sustentada pelas teóricas e teóricos mencionados anteriormente nessa introdução.

## 2. METODOLOGIA

Neste trabalho, realizo um estudo sobre os princípios fundadores para a análise de linguagem, a partir dos pronomes e sobre a subjetividade em Émile Benveniste, mostrando como a construção desses princípios teóricos potencializa a sua utilização para uma abertura analítica em textos literários. A fortuna crítica dos estudos da linguagem se dará na apreciação dos estudos sobre língua e linguagem, cotejando desde o princípio a base teórica em Benveniste, sobretudo os textos do *Homem na Língua*, quinta parte do primeiro *Problemas de Linguística Geral*. Ademais, os estudos frente aos pronomes abrangerão outras abordagens, como as que Dufour elenca, a partir do pensamento de Benveniste, no livro *Os Mistérios da Trindade* (2000), a fim de ampliarmos a discussão sobre a não-pessoa, o *ele*, dentro da análise do personagem-narrador em *O Estrangeiro*, de Camus.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando colocamos o ato da língua, a partir de sua utilização, no discurso, estamos colocando em exercício o dispositivo pronominal. Para que haja a ação através da língua e para que ela sempre seja uma realização na linguagem, é preciso que haja, como Dufour (2000) nos mostra, a inversibilidade entre um *eu* e um *tu*. Ademais, se esse dispositivo, segundo Dufour, é lugar da realização através da comunicação intersubjetiva, ela é também o que nos faz pensar sobre os papéis que fazem parte dessa atividade intersubjetiva. Assim sendo, a comunicação linguística só é possível quando se têm as formas linguísticas na expressão da linguagem entre os sujeitos. De acordo com Dufour, esse enunciar a partir do *eu* faz com que o alocutário retome por sua conta o índice que designava anteriormente o *eu*. Isso faz com que o alocutário designe aquele que enunciou anteriormente a partir daquilo que foi dito pelo *eu*.

O problema de linguagem – e de língua – está presente na teoria de Benveniste e alargar o estudo dos pronomes e das categorias de pessoa é, segundo Juciane Cavalheiro (2016), “trabalhar a alteridade e seus efeitos para a constituição da subjetividade” (CAVALHEIRO, 2016, p. 120). O homem está na linguagem, e a linguagem é constitutiva desse homem, logo, podemos começar a pensar sobre essa relação indissociável através do ato enunciativo e da transitividade pronominal intersubjetivante.

O processo intersubjetivo é resultante da enunciação e da reversibilidade entre o *eu* e o *tu*, porém, a propósito de um *ele*. Segundo Teixeira (2012), “esse processo trivial determina a posição do homem na língua” (TEIXEIRA, 2012, p.



446). "Eu" e "tu" compõem uma alteridade fraca, transitiva, e "eu-tu" e "ele" uma alteridade forte, intransitiva". (DUFOUR, 2000, p. 102). Segundo Dufour, o *ele*, o ausente, configura a possibilidade de linguagem pois o *ele* designa "uma ausência re-presentada no campo da presença" (DUFOUR, 2000, p.106-107). Para Dufour, se podemos pensar sobre o trinitário (*eu-tu/ele*) na linguagem é porque a entrada para a linguagem está, antes de tudo, na língua.

Na obra *O Estrangeiro*, de Camus, temos Meursault, uma personagem que refaz sua existência entre a primeira e a segunda parte do livro, principalmente depois de cometer um assassinato. O que vale aqui é mostrar a forte mudança que há no livro, no qual temos, primeiramente, pessoas com nomes próprios que se relacionam com Meursault, estabelecendo uma troca nas narrativas de interação pronominal e, posteriormente ao assassinato, esse processo comunicativo faz com que o seu lugar no discurso se dê fora da reversibilidade entre *eu-tu*, na medida em que é relegado ao papel de não-pessoa. Há momentos em que a personagem se encontra inferiorizada, em que a fala lhe é tolhida – "Apesar das minhas preocupações, às vezes eu ficava tentado a intervir e meu advogado me dizia, então: 'Cale-se, é melhor para o seu caso'. De algum modo, pareciam tratar deste caso à margem de mim" (CAMUS, 2014 p. 91,).

É a reflexão acerca da tríade pronominal proposta por Benveniste e Dufour que auxilia a compreensão dessa exclusão do personagem no texto literário. Neste texto, em particular, essa exclusão é responsável por criar o distanciamento necessário entre o narrador e o seu meio social. O sujeito, em muitos casos, passa a ser colocado como não-pessoa. Em outros casos, esse eu enunciativo opta pela sua recusa de inserção no discurso para (re)colocar-se em um monólogo, a fim de re-construir o seu mais novo espaço de discurso. Meursault, às vezes, opta pela sua exclusão das relações instituídas no mundo ou, até mesmo, sente-se sendo deslocado para um espaço externo ao *eu-tu* – "mesmo no banco dos réus, é sempre interessante ouvir falar de si mesmo" (CAMUS, 2014, p. 91).

Mersault tem na obra o seu lugar destituído e re-construído a partir da sua constatação de existência absurda partilhada no laço social. Portanto, segundo Dufour, a trindade na e pela linguagem é uma "representação da ausência - até sua forma extrema, a morte - na presença. Sem trindade, não há simbolização, não há agrupamento social." (DUFOUR, 2000, p. 155). Quando Meursault se vê em oposição à diáde *eu-tu*, ele reconhece, em seu último momento de fôlego na obra, dentro de sua cela na cadeia, a sua presença como ausência nesse processo discursivo na linguagem, e este percurso pronominal diante da análise linguística é uma das reconfigurações que buscam renovar a análise nesta obra literária.

#### 4. CONCLUSÕES

Como se trata de um projeto inicial, alguns pontos trabalhados até aqui carecem de maior estudo e pesquisa para dar mais fôlego às discussões para minhas inquietações acerca da teoria da linguagem. Os atos de linguagem que constituem os homens proporcionam com que as suas ações sejam sempre atos políticos, pois o próprio uso da língua na sociedade nunca será percebido como um ato neutro. Esse acesso do homem pela língua na linguagem é o que permite a sociedade e promove essa construção do social diariamente. Dessons (2006) nos mostra que a enunciação possui em si o homem e a história, fazendo com que a produção do discurso sempre se potencialize de uma nova forma. A ampliação no trajeto teórico entre língua e literatura, a partir de Dufour, pretende revelar que o estudo na e pela linguagem é uma discussão rendosa na qual o trinitário (*eu-tu/ele*)



está se *re*-produzindo. Segundo Dufour, “‘eu’, ‘tu’ e ‘ele’ representam o laço social mínimo, uma arqui-socialidade: para que dois estejam juntos, aqui, é preciso que um outro esteja ali, ausente” (DUFOUR, 2000, p. 155).

Possibilitar uma nova maneira de enunciar no discurso é colocar o *eu* e o *tu* em uma nova instância, já que essa troca “confere ao ato de discurso uma dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade” (BENVENISTE, 2005, p. 26). Re-criar a realidade é carregar consigo um conteúdo, projeções que se mesclam ao processo daquilo que se tem para dizer e daquilo que se recebe do locutor. Essa transição pronominal que vemos na obra, ora como sujeito atuante no discurso ora como o sujeito distante e/ou deslocado é a possibilidade de estudar a presença pronominal da terceira pessoa, o *ele*, na obra de Camus, afirmando-o como *presença na ausência*, segundo Dufour.

Não é por acaso que partimos dos estudos de linguagem para pensar essa margem que é criada para a exclusão do ser no texto literário. Só podemos ter consciência dessa relação entre a obra e os princípios fundadores utilizados para análise do texto quando entendermos que a cultura da obra revela os valores que estão na língua, compondo uma rede atualizada entre o sujeito e a produção literária, entre o sujeito e a história.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes Editora, 2006.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. **O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose**. Dissertação. 2005. 126 pgs. (Mestrado em linguística aplicada). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2005.

\_\_\_\_\_. **Enunciação e literatura: contribuições da teoria da linguagem e do estudo dos pronomes de Émile Benveniste**. ReVEL, edição especial n. 11, 2016. Acessado em: 21/07/2021. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=42>.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Press, 2006.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. Trad. Dulce Duque Estrada.

TEIXEIRA, Marlene. "A linguagem serve para viver": contribuição de Benveniste para análises no campo aplicado. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.15, n.2, p. 439-456, jul./dez. 2012. Acessado em: 01/09/2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>.